

## ONDE ESTÃO AS DIFERENÇAS ENTRE OS SEXOS?

### UMA ALTERNATIVA PARA O DEBATE

Patricia Rosa\*

**RESUMO:** A hipótese de debate que este trabalho pretende colocar é que não existem diferenças significativas que possam justificar papéis sociais rígidos, baseados em diferenças entre os sexos. Tais diferenças, não parecem justificar a pouca participação feminina no âmbito das ciências exatas e sua maior “inclinação” às carreiras relacionadas ao cuidado, a sugestão apresentada é que esta “inclinação” é socialmente construída. A argumentação está baseada em trabalhos de neurocientistas, psicólogos sociais, antropólogos, filósofos, além de estudos efetuados em instituições de ensino que, acusadas de reforçar estereótipos de gênero, reforçam papéis sociais formalizados, ao incentivar o aprendizado das ciências exatas para os meninos, e inculcar nas meninas a ideia de inabilidade inata para o raciocínio matemático, principalmente.

**PALAVRAS CHAVE:** Identidade; Sexo; Gênero; Papéis sociais.

O que faz de um homem, homem, e de uma mulher, mulher? Alguns atestariam, sem sombra de dúvidas, que é a presença do cromossomo Y. Entretanto, esta certeza foi colocada sob suspeita desde que em 1986, María Patiño, atleta espanhola, foi impedida de competir por seu país, por ser considerada cromossomicamente um homem – ainda que sempre houvera se identificado como mulher. María Patiño, depois de exames médicos comprobatórios, foi atestada como possuindo cromossomos XY, o que fazia dela um homem<sup>1</sup>. Entretanto, após 2 anos de exames e luta judicial, foi reabilitada pela International Association of Athletics Federations (IAAF), por ter comprovado sofrer da Síndrome de Insensibilidade ao Andrógeno<sup>2</sup> e ter evidenciado, então, que o fato de possuir cromossomos XY – e ter sido comprovado que possuía testículos, ainda que jamais houvesse se dado conta de tal fato, por estarem “embutidos” - não a tornava, de

---

\* Doutora em Filosofia, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Campus Gaspar. E-mail: patricia.rosa@ifsc.edu.br

<sup>1</sup> Fonte: El País, 29/01/1986, disponível em:

[elpais.com/diario/1986/01/29/deportes/507337210\\_850215.html](http://elpais.com/diario/1986/01/29/deportes/507337210_850215.html) – acesso em: 09/05/2015.

<sup>2</sup> “A Síndrome de Insensibilidade ao Andrógeno (AIS) é uma doença com herança ligada ao cromossomo X que afeta pacientes com cariótipo 46, X4, nos quais há prejuízo total (forma completa, CAIS) ou parcial (PAIS) do processo de virilização intra-útero devido à alteração funcional do receptor de andrógenos (AR) (...) Indivíduos com a forma completa de AIS têm excelente feminização na puberdade, com mamas normais ou aumentadas, contornos corporais femininos e ausência de acne, devido à produção de estrógeno pelos testículos e pela aromatização periférica da testosterona (1,4).” (MELO et al, 2005: pp. 87, 90)

fato, um homem sob o ponto de vista do atletismo, ou seja, que ao participar de uma competição entre mulheres, não estaria em vantagem física<sup>3</sup>.

De acordo com a Teoria Clássica dos Conceitos, definimos o que uma coisa (alguém) “é” a partir de uma série de características necessárias e suficientes para que possamos agrupar juntas coisas (pessoas) que sejam idênticas (nesse sentido, fique bem entendido, o conceito de identidade aqui se refere a que todos os membros do grupo em questão tenham que ter instanciadas as características necessárias e suficientes à pertença àquele conceito). Assim, para que possamos considerar um homem, homem, a pessoa em questão deve instanciar as características necessárias e suficientes para que possa ser apreendida no conceito: homem. Dado que existem diversos tipos de homens diferentes e, ainda que não sejam realmente idênticos, eles todos são considerados como homens porque instanciam as características necessárias e suficientes para a pertença ao conceito. Como lemos:

“A Teoria Clássica sustenta que a maioria dos conceitos – em especial os conceitos lexicais – têm estrutura de definição. O que isto significa é que a maioria dos conceitos codificam condições necessárias e suficientes para a sua própria aplicação. Considere, por exemplo, o conceito de SOLTEIRO. De acordo com a Teoria Clássica, podemos pensar desse conceito como uma representação mental complexa que especifica as condições necessárias e suficientes para algo (alguém) seja um solteiro. Então, SOLTEIRO pode ser composto por um conjunto de representações, tais como, NÃO É CASADO, é DO SEXO MASCULINO e é um ADULTO. Cada um desses componentes especifica uma condição que algo (alguém) deve atender a fim de ser um solteiro, e qualquer coisa que satisfaça a todas as condições, conta como um solteiro.” (MARGOLIS e LAURENCE, 1999: p. 9)<sup>4</sup>

Se seguirmos nessa linha de raciocínio, podemos pensar conceitos como o de PEDRA, mas conceitos como o de HOMEM, por exemplo, ficam cada vez mais difíceis de serem definidos (o COI – Comitê Olímpico Internacional – que o diga!). Mas, o fato, é que a Teoria Clássica dos Conceitos também é usada para classificar os *humanos*, tal como é usada para classificar os tipos naturais. A questão central é que, o *humano* não é tão facilmente classificável, porque este conceito envolve nuances muito mais sutis (como comprova o fato da “reabilitação” como mulher, no plano esportivo, de María Patiño).

Pontualmente, o que este trabalho quer colocar como problema é que conceitos como o de *homem* e o de *mulher* são erigidos, ainda, pelos critérios da Teoria Clássica, apesar das dificuldades de manter as condições exigidas, porque, dessa forma, podem

---

<sup>3</sup> Fonte: El País, 06/10/1988, disponível em: [elpais.com/diario/1988/10/06/deportes/592095610\\_850215.html](http://elpais.com/diario/1988/10/06/deportes/592095610_850215.html) – acesso em: 09/05/2015.

<sup>4</sup> Todas as traduções do inglês para o português são de minha responsabilidade.

instituir hierarquias de valor embutidas na sua descrição. Então, a questão não é “puramente” científica, senão de conquista e manutenção de poder, apoiadas em teorias científicas que servem para corroborar aquilo que a sociedade admite. De fato, o conceito de homem, ao longo dos séculos, traz consigo referências como a de uma racionalidade mais explícita, por exemplo, daí que socialmente a implicação de que os homens são mais aptos às ciências exatas (principalmente a matemática e as engenharias), enquanto que o conceito de mulher traz implícita sua maior habilidade para o cuidado, o as indicaria para as profissões ligadas às ciências humanas, educação infantil e enfermagem. É exatamente sob este aspecto, a saber, o tipo de implicação social derivada da formulação clássica dos conceitos irei tratar neste texto<sup>5</sup>.

## **HOMENS X MULHERES: QUANDO DISCUTIMOS APTIDÕES**

Quando definimos os conceitos de acordo com a Teoria Clássica, é mister que elenquemos características que marquem aquilo a que nos referimos, e, no caso do *humano*, quando o assunto é diferença entre *homens* e *mulheres*, as ciências biológicas têm lutado pelos séculos para marcar as diferenças de forma irrefutável. Como afirma Fausto-Sterling:

“Os cientistas (...), têm demonstrado que, além dos nossos genitais, diferenças anatômicas importantes entre os cérebros masculino e feminino convertem o gênero em um importante marcador de capacidades. Para reforçar sua postura poderíamos citar a afirmação, amplamente divulgada, de que o *corpus callosum* – o feixe de fibras nervosas que ligam os hemisférios direito e esquerdo do cérebro – dos cérebros das mulheres é maior e mais bulboso. E isso, exclamariam, limitará para sempre o grau em que a maioria das mulheres possam se tornar matemáticas altamente qualificadas, engenheira e cientistas.” (2000: p. 115)

Entretanto, devemos levar em conta a teoria formulada por Thomas Kuhn, em meados do século passado, segundo a qual a ciência trabalha por paradigmas e, estes paradigmas, são altamente influenciados pela cultura em que o cientista vive<sup>6</sup>. Deste modo, se vivemos numa cultura sexista, nada mais “natural” do que nossos cientistas buscarem comprovação do paradigma em que estão inseridos<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Para uma alternativa à formulação de conceito a partir da Teoria Clássica dos Conceitos, ver ROSA, 2013).

<sup>6</sup> Ver KUHN, 1970.

<sup>7</sup> Mais uma vez citando Fausto-Sterling: “O COI pode aplicar a prova do cromossomo ou teste de DNA, ou inspecionar as mamas ou os genitais, para certificar o sexo de uma competidora, mas os médicos confrontados com a incerteza sobre o sexo de uma criança utilizam critérios diferentes. Eles se concentram principalmente na capacidade reprodutiva (no caso de uma menina em potencial) ou no tamanho do pênis (no caso de um menino em potencial). Se uma criança nasce com dois cromossomos X, trompas, ovários e útero no interior, mas um pênis e escroto do lado de fora, por exemplo, essa criança é um menino ou uma menina? A maioria dos médicos declara a criança uma menina, a despeito do pênis, por causa do seu potencial para dar à luz, e a intervenção é feita utilizando cirurgia e hormônios para

De acordo com a neurocientista Cordelia Fine, existe uma crença fortemente compartilhada na comunidade científica mundial acerca da diferença entre as capacidades cerebrais de homens e mulheres. Entretanto, a partir de inúmeros estudos ela apresenta a hipótese, bastante bem argumentada, de que estas diferenças são baseadas unicamente em estereótipos que rondam as ciências. Estes estereótipos são tão marcantes que os endossamos mesmo sem perceber, fazendo com que vejamos a nós mesmos através desta lente. Como ela afirma:

“Quando o gênero é proeminente no ambiente ou categorizamos alguém como homem ou mulher, os estereótipos de gênero são automaticamente ativados. Os psicólogos sociais vêm investigando há vários anos como essa ativação de estereótipos afeta a maneira como percebemos os outros. No entanto, mais recentemente, os psicólogos sociais também passaram a se interessar pela possibilidade de que, às vezes, também possamos perceber a nós mesmos através da lente de um estereótipo ativado porque, ao se revelar, o autoconceito é surpreendentemente maleável.” (2012: p. 31)

Envolvidas/os em estereótipos de gênero (com anuência de grande parte da comunidade científica), mulheres e homens seguem caminhos profissionais distintos, resultando em números majoritários nas carreiras ligadas às ciências exatas para os homens, ficando as mulheres com as carreiras mais ligadas ao cuidado. Entretanto, como Fine explica em detalhes na sua obra *Delusions of Gender*, as diferenças entre os sexos são mais destacadas quando os estereótipos são ativados. Como a historiadora britânica Jan Morris afirmou em seu livro *Conundrum* (1987), ela se sentia mais mulher a medida em era mais tratada como mulher<sup>8</sup>

Estes estereótipos, sem sombra de dúvidas afetam diretamente as meninas desde que iniciam seus estudos, sendo mais estimuladas para as disciplinas das linguagens em oposição aos meninos que são estimulados para as disciplinas que envolvem cálculos matemáticos. É o que Nadia Lima atesta em sua obra: *Quando as Meninas não Contam: gênero e ensino da matemática*, chamando de “currículo oculto”. Este “currículo oculto” é a tendência, manifesta por muitos/as professores/as, de influenciar negativamente as meninas quanto às suas habilidades, destacando, por outro lado, sua importância na condução das tarefas domésticas e sua responsabilidade na criação e educação dos filhos, garantindo - ainda que sem uma intencionalidade explícita ou consciente, presume-se - que as meninas não se identifiquem com o espaço público do

---

efetivar a decisão. Escolher quais os critérios a utilizar na determinação do sexo, a vontade mesma de determiná-lo, são decisões sociais para as quais os cientistas não podem oferecer soluções absolutas.” (2000: p.5)

<sup>8</sup> Jan Morris é transexual e narra nesta obra a sua transição de homem para mulher.

mercado de trabalho, sendo constantemente lembradas que o seu grande papel social é o de atuar no campo privado, a saber, como “donas-de-casa”.

“(…) a professora, assumindo uma posição de sujeito feminino, explicita como o currículo oculto funciona depreciando as mulheres que estão presentes nos espaços considerados masculinos; realmente, nos dias atuais não há mais barreiras institucionais que impeçam o acesso das mulheres às ciências exatas. Todavia, existem outras modalidades de barreiras, aquelas que pejorativamente humilham os segmentos femininos e seus espaços e seus espaços de ocupação social tradicionalmente delegados pela cultura, com expressões do tipo ‘piloto de fogão’. O que essa expressão diz (sem dizer) é que pilotar (atividade simbolicamente valorizada) é de competência masculina, tanto quanto estudar matemática, a presença das mulheres nesses espaços é como a de uma intrusa, e é preciso então que o sujeito masculino – tendo como porta-voz o professor – lembre às mulheres os seus lugares: na cozinha, pilotando o fogão, o máximo que ela poderão vir a pilotar. (Lima, 2003: p. 203)

Aliás, muitos são os exemplos da atuação do “currículo oculto”, não somente no Brasil, como também em outras partes do mundo – como podemos verificar na obra de Fine –. Muitas cientistas, hoje reconhecidas pelos seus pares, dão depoimentos que atestam o quanto foram desincentivadas a se interessar pelas carreiras ligadas às ciências exatas, além de terem sido praticamente ignoradas ao longo de seus cursos superiores (na verdade, este desincentivo, às universitárias, é mais proeminente nos cursos relacionados à matemática, porém, não exclusivo, há relatos de discriminação também em outras áreas, como a filosofia e a filologia clássica, por exemplo<sup>9</sup>).

Com estes estereótipos de gênero fixados nas meninas desde muito cedo, não é difícil imaginar que elas não tenham interesse por disciplinas consideradas “mais racionais”, como no caso das ciências exatas e da matemática em particular. Nesta mesma linha seguem as “certezas”, plenamente difundidas, de que o cérebro das mulheres é mais voltado para a empatia (muitos chamam de o “sexto sentido feminino”), enquanto que o cérebro dos homens é mais voltado para a sistematização. De fato, existem até mesmo exames que buscam comprovar tais hipóteses<sup>10</sup>, o que, entretanto, estas hipóteses não levam em conta é justamente que existem áreas do cérebro mais estimuladas nas meninas e outras, aquelas mais ligadas a racionalidade – como a habilidade visoespacial –, nos meninos, desde a mais tenra idade, seja por meio de jogos (que para os meninos são sempre mais estimulantes) ou, como vimos, na escola, em que as meninas são marcadas como inaptas *a priori* para a racionalidade<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Ver FINE, 2012: pp. 72-86, também BOURDIEU, 2014: pp. 126, 127.

<sup>10</sup> Idem, *ibidem*, pp. 10-11.

<sup>11</sup> Dessa forma ainda faz sentido o que Drake afirmou no século XVII: “Um Homem não deve se considerar mais sábio do que uma Mulher, se ele dever essa Vantagem a uma Educação melhor e a maiores recursos de Informações, assim como não deve se vangloriar da sua Coragem por bater em um Homem se as mãos deste último estiverem amarradas.” (DRAKE, 1696 apud FINE, 2012: p.17)

Assim, parece que não é o gênero propriamente dito que aponta as habilidades de homens e mulheres mas, exatamente, a generificação da sociedade.

A obra de Fine é elaborada demonstrando o quanto a generificação é eficiente quando tratamos de habilidades femininas e masculinas, ao longo de todo este livro são enumerados exemplos de experimentos que comprovam o fato de que, quando o gênero não é ativado, ou seja, quando mulheres não são lembradas que são mulheres (melhor dito, que ocupam o papel social dado às mulheres), os testes relacionados às ocupações e aptidões, supostamente de maior inclinação masculina, elas se saem tão bem quanto os homens – estou tratando aqui de uma média, pois, nestes testes, de maneira geral, algumas mulheres se saem melhor do que alguns homens e não tão bem quanto outros, ou seja, o gênero não influenciaria nos seus desempenhos, mas uma habilidade particular de cada qual (independentemente de serem homens ou mulheres) para a capacidade testada em cada momento-.

Pode-se perceber então, que a divisão por gêneros, na sociedade, é o que legitima os pontos sociais. É o fato de termos uma sociedade dividida em papéis de gênero que faz com que passemos a conviver com esses papéis, esquecendo que são papéis sociais naturalizando-os. Aí repousa a força da hipótese defendida neste texto, a saber, não há uma capacidade inata maior de homens para a racionalidade, senão somente uma forma de a sociodicéia masculina inscrever-se, dando instrumentos para que a ciência procure justificá-la. Como afirma Bourdieu: “A força particular da sociodicéia masculina vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevedora em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria, uma construção social naturalizada.” (2014: p. 40).

Esta superioridade masculina acaba por legitimar-se porque às mulheres é relegado o papel fora do mundo público, sendo condicionada ao privado. As próprias mulheres, em muitos casos, acabam por se verem impregnadas pelo estereótipo que lhes foi impingido, fazendo com que não percebam o lugar que lhes é negado, considerando-o inatingível, ou, naturalmente não possível, por sua condição própria de ser mulher. Por outro lado, o sistema de dominação não atua simplesmente no patamar “psicológico”, senão também nas estruturas que tornam a presença feminina muitas vezes insuportável, fazendo com que as mulheres se afastem, por exemplo, de cargos de direção em empresas de alto nível de negócios, sendo consideradas inadequadas para

lidar com certos aspectos peculiares do “mundo dos negócios”<sup>12</sup>. Todos esses elementos dão conta do quanto é difícil, ainda hoje a ascensão profissional para as mulheres, salvo em profissões que são reservadas especificamente para as suas habilidades, como enfermeiras, por exemplo, daí as mulheres acabam ajustando seus interesses a essas profissões<sup>13</sup>.

É muito elucidativo o que afirma Bourdieu:

“(…) as ‘expectativas coletivas’, positivas ou negativas, tendem a se inscrever nos corpos sob forma de disposições permanentes. Assim, segundo a lei universal de ajustamento das esperanças às oportunidades, das aspirações às possibilidades, a experiência prolongada e invisivelmente mutilada de um mundo sexuado de cima para baixo tende a fazer desaparecer, desencorajando-a, a própria inclinação a realizar atos que não são esperados das mulheres – mesmo sem estes lhes serem recusados. (...) (penso, por exemplo, na maneira pela qual os pais, professores e colegas desestimulam – ou melhor, não estimulam – a orientação das moças para certas carreiras, sobretudo as técnicas ou científicas: ‘Os professores dizem sempre que somos mais frágeis e então ... acabamos acreditando nisso’, ‘Passam o tempo todo repetindo que as carreiras científicas são mais fáceis para os meninos. Então, forçosamente...’” (2014: pp. 90, 91)

De tudo o que foi tratado neste texto, parece que há uma forte tendência a levarmos em consideração de que não há, exatamente, uma diferença de essência entre homens e mulheres e, da mesma forma como não há como definir o que “é” um *homem* de uma vez por todas, porque a ciência tem sempre que buscar novos marcos de diferenciação, pois, como vimos no caso de María Patiño, as exceções sempre acabam deixando frágeis certezas até então absolutas, não há como admitirmos que há uma tendência masculina para certas profissões e uma tendência feminina para outras, a não ser a força da dominação imposta socialmente, em uma sociodicéia marcadamente masculina.

Aparentemente, a Teoria Clássica dos Conceitos, ainda que se imponha de forma hegemônica, não parece ser suficientemente forte para manter intactos os conceitos em que se baseiam as ciências biológicas para determinar que haja diferenças entre os sexos e, daí, as consequências de divisão social e de trabalho que poderiam ser subsumidas de tal separação, dita, natural.

---

<sup>12</sup> Fine relata inúmeros casos em seu livro, dando conta de que, nas grandes empresas, é normal que os clientes sejam levados a clubes de *streptase*, de modo a que sejam agradados e que este local não é próprio para as mulheres, daí que não seria uma boa ideia colocar mulheres em cargos de comando, principalmente aqueles que envolvem relações comerciais mais próximas aos clientes que, na maioria, são homens. (FINE, 2012: pp. 102-113).

<sup>13</sup> Como afirma Fine: “Dê uma olhada em volta. A desigualdade de gênero que você vê está *dentro* da sua mente. Assim como também estão as crenças culturais a respeito do gênero tão familiares para todos nós. Elas estão naquele confuso emaranhado de associações mentais que interagem como contexto social. É dessa interação que surge a sua autopercepção, os seus interesses, os seus valores, o seu comportamento e até mesmo as suas habilidades.” (2012: p. 294)

É óbvio que existem diferenças entre os sexos, essas diferenças estão inscritas nos corpos, porém existem duas coisas que devemos levar em conta: 1) não há nenhuma marca definitiva nos corpos dos homens – ou seja, que seja propriamente de homens e que esteja igualmente em todos os homens – que não possa ser posta no corpo de uma mulher, a própria ciência médica garante isso por meio de implantes. Quanto às outras diferenças, força física ou configuração óssea, por exemplo, não são marcas de homens, alguns, de fato, são mais frágeis do que algumas mulheres e existem muitas mulheres com estruturas ósseas que são bastante “masculinas”. 2) As buscas intermináveis da neurociência, em determinar modelos cerebrais próprios de homens, acabam sempre sendo frustradas quando colocadas sob a suspeição do condicionamento e do estímulo cerebral desde a infância, além, é claro de que o padrão sempre é rompido pelas exceções que aparecem e pelos testes de psicologia social que colocam em xeque certezas até então robustas, colocando como forte hipótese de estudo a neuroplasticidade, que faz com que entendamos o cérebro como altamente suscetível à influência social e individual de cada ser *humano*, fatos que alterariam significativamente a biologia cerebral.

O que deve ser relevante, contudo, é que estas diferenças não devem ser marcas de disposições para que possamos hierarquizar a sociedade, colocando homens em certos patamares e mulheres em outros. Por outro lado, só podemos entender as diferenças persistentes em nossas sociedades ocidentais (objeto do estudo aqui apresentado), como marcas de uma sociodicéia fortemente masculina, o que comprova o movimento inverso daquele que é hegemonicamente reconhecido, ou seja, não é a ciência que marca as diferenças entre homens e mulheres, senão a dominação masculina que influencia as ciências biológicas, de modo que a ordem social seja mantida.

## **REFERÊNCIAS:**

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina:** a condição feminina e a violência simbólica. Tradução Maria Helena Kühner. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.

FAUSTO-STERLING, A. **Sexing the Body:** gender politics and the construction of sexuality. New York: Basic Books, 2000.



FINE, C. **Delusions of Gender:** how our minds, society and neurosexism create difference. New York: W. W. Norton & Company, 2010.

FINE, C. **Homens não são de Marte, Mulheres não são de Vênus:** como a nossa mente, a sociedade e o neurosexismo criam a diferença entre os sexos. Tradução: Claudia Gerpe Duarte e Eduardo Gerpe Duarte. São Paulo: Cultrix, 2012.

LIMA, N. R. L. B. **Quando as Meninas não Contam:** gênero e ensino da matemática. Maceió: Viva Editora, 2013.

MARGOLIS, E.; LAURENCE, S. (ed.). Concepts: core readings. Edição digital: Bradford Books, 1999.

MELO, K. et. al. **Insensibilidade aos Andrógenos em 33 Casos.** In: Arquivo Brasileiro de Endocrinologia e Metabolismo, 2005. Vol. 49, nº 1, pp. 87-90. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/abem/v49n1/a12v49n1.pdf](http://www.scielo.br/pdf/abem/v49n1/a12v49n1.pdf). Acesso em: 30/4/2015.

ROSA, P. **O Problema da Igualdade e da Singularidade nos Fundamentos da Ética e da Política.** Tese de Doutorado – PPGFil UFSC: Florianópolis, 2013.